



Entrevista com Maria Célia Rabello Malta Campos, conselheira vitalícia da ABPp

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pedagoga com especialização em Psicopedagogia. Atua na clínica psicopedagógica, na formação continuada de educadores e na consultoria escolar. Participou da implantação de cursos de Psicopedagogia em diversas instituições, atuando também como docente e supervisora de estágios. Foi membro diretor, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia e editora da Revista Psicopedagogia. Atualmente integra o Conselho Vitalício da ABPp. Atual presidente da Associação Brasileira de Brinquedotecas - ABBri. Pesquisadora na área de jogos, aprendizagem e desenvolvimento, tem artigos e capítulos de livros publicados nos temas: avaliação e intervenção psicopedagógica, jogo e aprendizagem, mediação e formação docente. Organizadora e coautora das obras: “Atuação Psicopedagógica Institucional- brincar, criar e aprender em diferentes idades”; “Oficinas de Jogos e Construção do Conhecimento”; “Jogos na Psicologia e na Educação: teoria e pesquisas”, entre outras. Psicopedagogia. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8445373711747966>

1. Conte-nos sobre a sua história na Psicopedagogia.

Iniciei na área em 1987, após uns bons anos de formada na Pedagogia. Fiquei fascinada e me encontrei profissionalmente nessa formação, mas foram muito angustiantes os primeiros tempos, tanto nos estágios do curso como nos primeiros anos de prática. Busquei uma supervisão, e esta foi muito importante para me fortalecer e me abrir caminhos de trabalho, de metodologia mesmo, que me faltava na formação inicial. Prossegui na pós-graduação, mestrado e doutorado, procurando aprofundar na área cognitiva, na psicanálise e na didática, assim estudei no Instituto de Psicologia da USP, mas busquei disciplinas da Faculdade de Educação também. Fui compondo um currículo de pós que pudesse atender o perfil

de minha atuação que já havia estabelecido durante a supervisão. A participação na diretoria da ABPP por varias gestões e na minha própria gestão foi muito enriquecedora para uma visão mais ampla da profissionalização na nossa área e dos requisitos de uma boa formação. Fui editora da Revista Psicopedagogia, iniciei nessa função quando ainda se chamava Boletim da ABPp. Organizei a nova formatação como revista e batalhei a sua divulgação. Fico muito feliz quando vejo agora a Revista, celebrando sua já longa vida, com muitos aperfeiçoamentos e muita qualidade.

Na minha gestão, a ABPp realizou um curso de Psicopedagogia, foi uma turma só, e o objetivo era provar o currículo que havíamos construído no Conselho da época. Dali partiu o trabalho com coordenadores de cursos de psicopedagogia, para compartilhar esse projeto formativo, discutir critérios de qualidade como estágios, disciplinas, duração do curso.

Com essa experiência, pude contribuir quando houve a oportunidade de implantar e participar como docente em cursos de Psicopedagogia no Nordeste. Lembrando que a Psicopedagogia no Brasil teve um movimento inicial partindo da região Sul e gradualmente se estendendo para o Sudeste e Centro-Oeste. Goiás e Minas estavam organizando seus núcleos quando eu atuava na diretoria. E naquela altura o Nordeste estava ainda bem afastado do movimento. Sergipe, Pernambuco e Alagoas foram os Estados onde dei suporte para este início de uma formação de melhor qualidade, em colaboração com Beatriz Scoz. Auredite Cardoso, Graça Griz e Eliana Cansanção foram as pioneiras idealistas, lutando pela presença da psicopedagogia na sua região. Foram anos de muito trabalho e muita aprendizagem, agora acerca do que é esse Brasil acima do trópico de Capricórnio, o povo, a Educação, a Saúde. Vi tantos casos de trauma neurológico por falta de assistência adequada mínima na gravidez e no parto, tanto abandono da infância, tantos meninos gerados e criados em situações de total miséria. A potência da formação do psicopedagogo neste meio é crucial, significa um diferencial enorme. É muita história...

2. Qual a contribuição da Psicopedagogia para a diminuição do analfabetismo funcional?

Não saberia dizer acerca de pesquisas sobre estes resultados na população brasileira, até por que é muito restrito o alcance da psicopedagogia neste âmbito. Porém a intervenção psicopedagógica pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa da leitura-escrita, a depender de sua abordagem. Hoje vejo uma ênfase grande no ensino centrado no fonológico, na atenção para os aspectos articulatórios da fala, mas não tanto para a linguagem como manifestação e produção de subjetividade.

3. As crianças da contemporaneidade se relacionam com o mundo de maneira diferente das crianças de 30 anos, atrás. Você considera essa diferença como um fator que interfere na construção do conhecimento?

Sim, para o bem e para o mal. Os sintomas do não aprender se revestem com novas roupagens e se ligam a questões sociais da contemporaneidade – hiperatividade, dificuldade de atenção, acomodação e indiferença ao estudo e ao esforço persistente, desvalorização da contribuição da escola e do professor para o próprio desenvolvimento. Por outro lado, as crianças gozam de maior autonomia e respeito na sociedade, são mais protagonistas e mais independentes na busca do conhecimento.

4. Escola e família têm papéis, interferências e funções distintas na vida de cada um. Conte a sua experiência como Psicopedagoga na relação com essas duas instituições.

Há famílias disfuncionais a um ponto que bloqueiam o tratamento. Há ódio e desejo de morte nas relações mãe-filho. Há pais tão autoritários e poderosos que sufocam seus filhos. Outras famílias conseguem buscar forças para se reorganizar e assim ajudar a sua criança. O ponto central é o tanto de amor de que são capazes. E o nosso desafio é não julgar ninguém e não se envolver emocionalmente, perceber os limites do trabalho em cada caso e manejar no âmbito do possível. As escolas também têm seus limites, ainda mais estritos que os nossos. Algumas formam uma aliança com a

criança e a fortalecem. Outras se aliam à família, às vezes por ingenuidade e falta de compreensão mais apurada desses processos familiares. Por isso sempre insisti na importância de uma formação psicopedagógica que contemple o sistema familiar e as formas de intervenção ao alcance do psicopedagogo. Eu tive que buscar esta formação depois do meu curso e fiquei fascinada pela área de família. Muitas colegas se aprofundaram e se tornaram terapeutas familiares, chega a ser um caminho natural na nossa carreira, tão forte é a necessidade e também a atração dos conhecimentos desta área.

5. Como a Psicopedagogia pode atuar como agente colaborador na intervenção com os adultos e a terceira idade?

O resgate dos processos de aprendizagem e sua ressignificação, o fortalecimento da autonomia na busca do saber são as constantes de nossa atuação e que se mantem para todas as idades. Orientei o trabalho de uma psicopedagoga em uma creche onde as atendentes eram mulheres sem nenhuma formação que estavam ali afastadas de suas antigas atividades de gari e faxineiras, por motivo de saúde. Não se valorizavam nem eram valorizadas no que faziam. Descuidadas de si mesmas, eram desmazeladas e grosseiras. Começamos por resgatar a infância delas, suas brincadeiras, cantigas, histórias, o significado de ser uma criança e de como eram cuidadas quando crianças. O resto elas mesmas fizeram, recuperando a dignidade e reencontrando o amor próprio e pelo outro, pelas crianças que cuidavam.

6. Quais aspectos você considera relevante na formação do psicopedagogo?

Considero que há um tripé formativo: psicologia do desenvolvimento e cognição, psicanálise, didática de ensino (principalmente para matemática e leitura-escrita).

7. Como a Associação de classe pode contribuir na formação do psicopedagogo? A ABPP contribuiu muito para a minha formação, ampliando as perspectivas de compreensão dos

fenômenos ligados à aprendizagem, abrindo para novas abordagens teóricas e posturas, por meio dos congressos, cursos breves e na interlocução com os colegas e profissionais de outras áreas. O papel profissional do psicopedagogo se constrói aos poucos e a Associação propicia este espaço e tempo, na relação com outros colegas. Outra contribuição muito importante da Associação, considerando uma profissão ainda não reconhecida nem regulamentada, é a definição dos requisitos desejáveis de formação e referenciais para a formação e a atuação, trabalho este no qual me engajei por um bom tempo e que muito me beneficiou também.

8. Qual a contribuição que a presença do psicopedagogo traz dentro da instituição escolar?

Só posso falar na perspectiva da clínica, isto é, de alguém que está fora da escola. Vejo que há uma crescente compreensão da atuação psicopedagógica e uma valorização de sua contribuição, nas escolas. Muitas já não esperam aulas de reforço pedagógico e também demonstram uma compreensão mais dinâmica dos processos de aprendizagem, estabelecendo um diálogo produtivo e uma boa sinergia com o nosso trabalho.

9. Quais orientações relevantes você daria para o psicopedagogo que busca o desenvolvimento profissional?

Ficar perto da Associação, apoiar suas iniciativas, fortalecer seu trabalho em prol do reconhecimento profissional do psicopedagogo, buscar o diálogo com seus pares e procurar completar sua formação inicial que, aliás, nunca se completa.